

Ensaio sobre a obra de Dalton Trevisan



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT
JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Berta Waldman

ENSAIOS SOBRE A OBRA DE
DALTON TREVISAN

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

W146c Waldman, Berta.

Ensaio sobre a obra de Dalton Trevisan / Berta Waldman; organizador Hélio de Seixas Guimarães. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

1. Trevisan, Dalton, 1925- – Crítica e interpretação. 2. Literatura brasileira – História e crítica. 3. Ensaio brasileiro. I. Guimarães, Hélio de Seixas. II. Título.

CDD B869.09
B869.45

ISBN 978-85-268-1080-8

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|--|---------|
| 1. Trevisan, Dalton, 1925- – Crítica e interpretação | B869.09 |
| 2. Literatura brasileira – História e crítica | B869.09 |
| 3. Ensaio brasileiro | B869.45 |

Copyright © by Berta Waldman
Copyright © 2014 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradeço ao Hélio Guimarães a organização deste volume, que pôe em circulação um trabalho que me acompanha e acompanha também o desenrolar da obra de Dalton Trevisan.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO — UM CASO RARO DE FIDELIDADE CRÍTICA <i>(Hélio de Seixas Guimarães)</i>	11
PARTE 1 — DO VAMPIRO AO CAFAJESTE: UMA LEITURA DA OBRA DE DALTON TREVISAN	
PREFÁCIO — UM TRABALHO DE FÔLEGO <i>(Modesto Carone)</i>	21
SOB O SIGNO DO VAMPIRO	31
<i>Por que o Vampiro?</i>	31
<i>As pegadas do Vampiro</i>	33
<i>Vampiros sem asas</i>	37
<i>O discurso do silêncio</i>	43
<i>O silêncio do discurso</i>	52
<i>O voraz devorador de sujeitos</i>	61
NATUREZA MORTA.....	69
<i>A barata revisitada</i>	69
<i>Homem no botequim</i>	86

NEM TUDO QUE RELUZ É OURO.....	95
<i>Sossega, leão</i>	95
<i>A educação sentimental do vampiro</i>	111
<i>A coroa do rei não é de ouro nem de prata</i>	124
COR-DE-ROSA CHOQUE.....	129
<i>Correio sentimental em questão: Ismênia, a ex-moça donzela</i>	129
<i>A rose is a rose</i>	136
<i>O inferno somos nós</i>	139
BRANCO NO BRANCO.....	141
DE VAMPIROS, MALANDROS E CAFAJESTES.....	151

PARTE 2 — ENSAIOS SOBRE
A OBRA DE DALTON TREVISAN

A NARRATIVA DE DALTON TREVISAN: UM PEDAÇO BRUTO DE VIDA.....	161
A MEDIDA DO CAFAJESTE.....	171
A LINGUAGEM ROUBADA.....	175
<i>ABISMO DE ROSAS: UMA METÁFORA VERTIGINOSA?</i>	185
A INCRÍVEL ARTE DE SE REPETIR.....	195
O DESEJO COMO LOGRO.....	199
VAMPIRO ENTRE AS MULHERES.....	203
DO ANEL MÁGICO AO VIBRADOR.....	207
A INVIABILIDADE DAS ILUSÕES.....	211
NARRATIVAS ESQUARTEJADAS.....	215
O CURTO INFINITO DE TREVISAN.....	225
MÍNIMO MÚLTIPLO: DO CONTO AO HAICAI.....	231
A HIPÉRBOLE DA VIOLÊNCIA ENCENADA.....	241
TIRO À QUEIMA-ROUPA.....	247
UM CRUZAMENTO DE VOZES: DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS AOS “CANTARES DE SULAMITA”.....	255

<i>“Cantares de Sulamita”</i>	262
MAL COMPARANDO... NELSON RODRIGUES E DALTON TREVISAN	
EM CENA	269
DALTON TREVISAN EM ANTOLOGIA.....	273
NOTA BIBLIOGRÁFICA.....	277
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	279
<i>Obras de Dalton Trevisan e respectivas edições citadas neste</i>	
<i>volume</i>	279
<i>Sobre Dalton Trevisan</i>	280
<i>Obras citadas</i>	282

APRESENTAÇÃO

UM CASO RARO DE FIDELIDADE CRÍTICA

Este livro marca uma espécie de retorno de Berta Waldman à literatura brasileira. “Espécie” porque, mesmo durante o longo mergulho que fez nas literaturas israelense e judaica a partir de meados da década de 1990, a ensaísta nunca perdeu de vista a produção literária no Brasil, escrevendo textos e orientando trabalhos sobre a presença judaica e a questão da imigração na literatura brasileira. “Retorno” porque o livro revisita a obra de Dalton Trevisan, assunto que pela primeira vez mostrou a acuidade crítica e o fôlego interpretativo da ensaísta, na tese-que-virou-livro *Do vampiro ao cafajeste*, um marco nos estudos sobre o autor.

Ao ensaio original, escrito e publicado no início da década de 1980, acrescentam-se, neste volume, 17 textos, selecionados entre vários outros que a autora dedicou à obra de Dalton nas últimas três décadas. O conjunto representa um caso raro de fidelidade a um autor e serve de guia para enfrentar o labirinto ficcional de Dalton Trevisan, cuja poética marcada pela repetição e pelo enxugamento pode confundir um leitor menos atento, mas que Berta percorre com sutileza ímpar.

Já desde o primeiro livro, Berta identificara no vampiro uma figura norteadora para a melhor compreensão da obra. Metáfora da impossibilidade de convívio com o *outro* — já que o outro, para o vampiro, é sempre presa a ser reduzida a ele mesmo, e nunca, de fato, um *outro* —, o vampiro aparece como emblema das relações interpessoais num mundo, o nosso, marcado pela imediatez e pela descartabilidade. Essa é a face, digamos, internacional do vampiro e do vampirismo, que regem a vida cotidiana em praticamente todos os cantos do mundo globalizado.

Em *Do vampiro ao cafajeste*, ela nota também que os vampiros de Dalton “perdem as asas e a altura, nacionalizam-se”, de modo que eles também contam a “história da província que, ressaltadas as proporções, é a história do país”. Assim abasileirados, apontavam para outra figura decaída do elenco nacional, o cafajeste, por sua vez parente do malandro, formando uma genealogia de tipos literários/sociais, o que inscreve o trabalho de Berta na linhagem dos estudos de Antonio Candido, orientador da tese e principal referência crítica e ética da ensaísta.

O que ela desvenda no acompanhamento atento da obra de Dalton Trevisan por mais de três décadas é a representação cada vez mais apurada, concisa e precisa das novas (e também das antigas) formas de exploração e violência que marcam a história do mundo e do Brasil, que deixaram marcas profundas na produção literária.

Berta nos mostra que também na obra de Dalton estamos diante da violência e da alienação que deram o tom para a vida vivida e a ficção produzida no Brasil pós-1950. Entretanto, percebemos que o caminho de Dalton Trevisan diverge daquele tomado, por exemplo, por Rubem Fonseca, seu contemporâneo, ambos nascidos em 1925. No universo ficcional do autor de *Feliz ano novo*, a violência muitas vezes é mimetizada espetacularmente, e as narrativas encontram ou tendem a um clímax. Na obra de Trevisan, estamos

diante de uma legião de pobres-diabos que efetivamente não protagonizam nada nem vivem qualquer clímax, apenas a repetição monótona, canhestra e deslocada do que se vê cotidianamente na rua, nos jornais e na TV. Estamos diante de um universo ficcional marcado pelo rebaixamento sistemático, no qual “o erótico se reduz a pornográfico, o ouro a bijuteria, o malandro a cafajeste, a mulher dos *outdoors* a dona de casa ou prostituta”.

Se a brutalidade da vida cotidiana e das relações se acelerou em ritmo vertiginoso, tornando-se mais e mais banal, Berta mostra como a cada livro o escritor afia sua própria navalha para dar conta de tamanha carga de violência sem resvalar nas facilidades do sentimentalismo, da condescendência ou da indignação.

Lendo o conjunto dos ensaios, percebemos como a banalização e a espetacularização crescentes da violência, que parecem ter se tornado os grandes marcadores temporais da “evolução” dos tempos e costumes, foram rigorosamente inscritas por Dalton Trevisan nas personagens e situações criadas em sua ficção. É como se a escrita de Trevisan no seu conjunto estilizasse os grandes e pequenos crimes, taras e patifarias que alimentam o *fait divers* e parecem estruturar o país e o mundo.

Para dar conta do realismo peculiar do autor, a crítica recorre à comparação com as artes plásticas. Esse é um dos traços marcantes da sua crítica, em que a percepção do texto frequentemente vem associada a um modo de olhar um quadro, uma tela. Assim, ela aproxima o hiper-realismo de Dalton ao hiper-realismo das cenas da vida norte-americana representadas nas famosas telas de Edward Hopper. O título original da tese, *Branco no branco*, propunha uma aproximação surpreendente entre a técnica literária de Dalton, “popista do subdesenvolvimento”, e a pintura de Malievitch, ambas marcadas pela ambição de chegar à “superfície lisa e polida [da tela ou da página em branco]” de modo a expor ao leitor/espectador os bastidores do real.

Na obra de Dalton, Berta identifica uma escrita cafajeste, que a aproxima, com a devida cautela, do universo ficcional de Nelson Rodrigues, outro autor estudado por ela; e também uma estilística do engajamento, na medida em que a obra busca obsessivamente o mínimo, tendendo ao haicai, ao silêncio, à página em branco.

O leitor verá que não só as artes plásticas aparecem nos ensaios, mas também a psicanálise, a crítica cultural, a linguística e a análise do discurso. A presença dessas disciplinas na crítica literária mostra o quanto elas — nos últimos anos postas em competição, em risco iminente de divórcio — podem oferecer instrumental fecundo para a leitura do texto literário. Berta mostra, por exemplo, o modo muito peculiar de construção das narrativas de Dalton, nas quais é frequente o uso do discurso indireto livre, em que a voz do narrador é atravessada pela das personagens; e revela também a presença do que denomina “discurso direto livre”, referindo-se à frequente irrupção, no discurso do narrador e sem prévio aviso, de frases das personagens. Estas repetem discursos prontos, a ponto de o leitor muitas vezes já não mais saber quem fala ou em que medida aquele que parece falar na realidade é falado por um discurso externo a ele.

Os sujeitos vampirizados são ventríloquos de discursos prontos, *ready-mades*, enunciadores de frases feitas, colhidas no meio da rua e nos meios de comunicação de massa. Mas também não se limitam a isso, pois resta humanidade nos dentes que lhes faltam na boca, no acessório *prafrentex* e *cafona*, no sexo feito às pressas, no desejo de ser alguma coisa que não são e talvez nunca possam ser, o que imprime uma nota pungente e inconfundível às narrativas de Dalton Trevisan.

Essa aproximação entre a escrita e o mundo pode confundir, como adverte a crítica:

O fato de sua matéria ser a repetição, o seriado, e o fato de ele lançar mão de uma linguagem que é resíduo cultural, permite certa confusão que se desfaz quando se observa, por exemplo, que sua formalização pode ser lida em dois graus: apegada à matéria a ponto de se confundir com ela, dela se desprende, para, a distância, comentá-la. Num primeiro momento, desfaz a distância obra/mundo; noutro, restabelece-a. E é nessa dialética de aproximação e distanciamento que está a sutileza do procedimento.

O jogo complexo de aproximação e distanciamento entre narradores e personagens põe a obra de Dalton Trevisan em ligação direta com a de Machado de Assis (um achado da autora), mestre também na manipulação dos intervalos entre as instâncias narradoras e a matéria narrada. Ao imitarem os discursos dominantes, ambos permitem que estes sejam encampados e naturalizados pelo leitor menos atento ou identificado com o conformismo e o *mainstream*; ao mesmo tempo, ao deslocarem esses discursos para o livro e a página escrita, e os estilizarem, oferecem ao leitor a possibilidade de desnaturalizá-los e encará-los com distância e crítica.

Assim, como este livro nos mostra, os contos de Dalton Trevisan imitam a realidade para expor o caráter construído e absurdo dessa mesma realidade, o que o coloca entre os mestres da impossibilidade de narrar: “Dalton Trevisan insere-se, historicamente, na linhagem desconfiada do realismo de um Flaubert ou de um Machado de Assis. [...] sua obra, ao invés de crítica social é, antes de tudo, o comentário obsessivo dos infinitos textos que compõem a ideologia da província e que, estando fora dela, determinam a sua realidade e a sua fantasmagoria”.

Mestres da paródia, Dalton e Machado agem como verdadeiros larápios, saqueando e recontextualizando as fórmulas esvaziadas dos *mass media*, no caso de Dalton, e da retórica, no caso de Machado. Em ambos os casos, os efeitos sobre os leitores podem variar e podem levar a resultados interpretativos muito diversos.

Leitora de intervalos e silêncios, consciente de que toda crítica pressupõe muitos pontos cegos (as artes visuais de novo), a autora nunca perde de vista que uma interpretação é sempre uma possibilidade entre outras. Assim, o trabalho interpretativo é encarado como risco, e os seus limites são sempre maleáveis, pois Berta sabe, diz e realiza sua crítica compenetrada de que a significação de um texto “repousa sobre uma relação de leitura”.

Por fim, vale registrar que este livro concretiza uma ideia anotada pela autora na segunda edição de *Do vampiro ao cafajeste*, para a qual pretendia fazer um balanço crítico dos livros de Dalton Trevisan posteriores a 1982. Naquela ocasião, abandonou a ideia. Temia que a tarefa acarretasse algum desequilíbrio no tom ou na linha de reflexão desenvolvida naquele primeiro estudo de fôlego sobre a obra de Trevisan, um caso de encaixe perfeito entre crítica e obra.

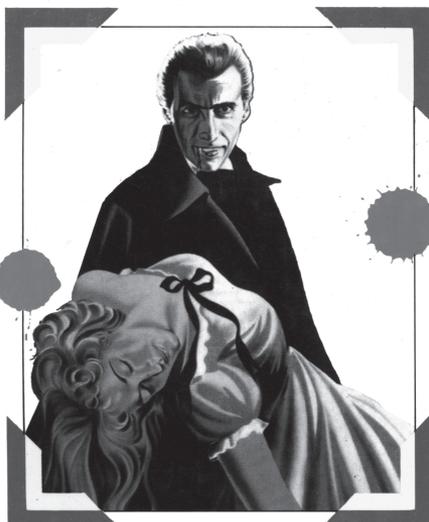
Ao realizar aquele projeto, vemos nos 18 ensaios deste volume, composto do longo ensaio de 1982 e de 17 escolhidos entre vários outros escritos ao longo das últimas três décadas, que não há qualquer desequilíbrio no tom nem na linha de reflexão. Pelo contrário, apesar do tempo decorrido, notamos que as linhas de força da prosa de Dalton Trevisan identificadas e intuídas por Berta no início dos anos 1980 se tornaram mais nítidas e precisas, e a crítica manteve-se fiel não só ao escritor, mas também a si mesma, e em plena forma.

Hélio de Seixas Guimarães

PARTE 1

DO VAMPIRO AO CAFAJESTE:
UMA LEITURA DA OBRA DE DALTON TREVISAN

Berta Waldman



Do Vampiro ao Cafajeste

Uma leitura da obra de
Dalton Trevisan

SEGUNDA EDIÇÃO

EDITORA HUCITEC. EDITORA DA UNICAMP

Capa da primeira e da segunda edições de *Do vampiro ao cafajeste: Uma leitura da obra de Dalton Trevisan*, publicadas respectivamente pela Editora Hucitec, em 1982, e Editora Hucitec/Editora da Unicamp, em 1989. *Design*: João Batista da Costa Aguiar.

